

**COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA**  
**REQUERIMENTO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA N°            DE 2012**  
**( do Sr. Nilson Leitão )**

Solicita que seja realizada Reunião de Audiência Pública com a presença das autoridades a seguir listadas, para prestarem esclarecimentos acerca da formação dos médicos no País, residência médica e condições de atendimento aos pacientes nos hospitais universitários.

Senhor Presidente,

Requeiro a V. Ex.<sup>a</sup>, com fundamento no art. 255 do Regimento Interno, que, ouvido o Plenário, se digne a adotar as providências necessárias à realização de Reunião de Audiência Pública com a participação das autoridades listadas, para prestarem esclarecimentos acerca da formação dos médicos no País, residência médica e condições de atendimento aos pacientes nos hospitais universitários.

Para tanto, convidamos para o debate os Senhores:

- Alexandre Padilha – Ministro da Saúde;
- Aloizio Mercadante – Ministro da Educação;
- José Rubens Rebelatto – Presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) e
- Reitor Ricardo Motta Miranda – Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB)

## JUSTIFICAÇÃO

O cenário brasileiro nas áreas de saúde e educação são preocupantes, principalmente no que se refere a condições e qualidade desses serviços.

Neste sentido, a formação, prática profissional, condições físicas e de atendimento são problemas que devem ser discutidos e apontadas as soluções possíveis para pensar na formação dos médicos responsáveis pela saúde brasileira.

O Programa Fantástico da Rede Globo, Edição do dia 01/07/2012 evidenciou na reportagem, o caos vivido pelos hospitais universitários brasileiros:

***“Pacientes e alunos sofrem com estado precário de hospitais universitários públicos***

*Falta tudo, inclusive remédios que podem salvar vidas. E, às vezes, falta até o próprio hospital dentro da universidade. Alunos de medicina em todo o Brasil enfrentam dificuldades para aprender.*

*O Fantástico mostra o estado precário dos hospitais universitários públicos, onde falta tudo, inclusive remédios que podem salvar vidas. E, às vezes, falta até o próprio hospital dentro da universidade. Você vai descobrir as dificuldades enfrentadas pelos os alunos de medicina em todo o Brasil na reportagem especial de Edson Ferraz, Nélcio Brandão e Francisco Regueira. “É goteira para tudo quanto é lado, é infiltração, a parede é toda amarela”, reclama a estudante de medicina Maria Eduarda Bellotii.*

*“Nós começamos o estudo de anatomia cardíaca , nós não tínhamos onde estudar. A gente viu que a alternativa seria o uso de corações de porcos”, relata a estudante Ana Clara de Oliveira.*

*“Eu vi que a estrutura da universidade não era suficiente para formar um bom médico”, diz o estudante Felipe Melo.*

*As queixas são de estudantes de medicina de universidades estaduais e federais. Os futuros doutores deveriam aprender a profissão em hospitais universitários bem instalados, bem equipados e com todo o material necessário para uma boa formação profissional. Mas a realidade é outra.*

*“A gente tem que correr muito atrás e porque muita coisa deixa a desejar”, afirma o estudante Willian Duabli.*

*No hospital da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a equipe de reportagem do Fantástico flagrou pacientes no corredor e muitas macas no chão. Na parede, o aviso do perigo: risco grande de infecção hospitalar. O chão*

*é altamente contaminado. Mesmo assim, pacientes com doenças infecto-contagiosas ficam internados no corredor.*

*Repórter: A senhora é parente dele?*

*Mulher: Sou.*

*Repórter: Pneumonia?*

*Mulher: Pneumonia.*

*Repórter: Por isso que está de máscara?*

*Mulher: Não, é que eu estou gripada.*

*O diretor José Carlos Dorsa diz que os hospitais da rede pública não conseguem atender a população. “Esses pacientes do corredor dos hospitais universitários são uma sobrecarga a esses hospitais que não deveria existir, porque isso dificulta a qualidade e dificulta o ensino”, afirma ele.*

*O hospital da Universidade Federal de Rondônia é um prédio vazio que começou a ser construído 12 anos atrás. Era um empreendimento privado, mas acabou doado à universidade há três anos.*

*A universidade e o Ministério da Educação avaliam se um dia esse prédio abandonado pode abrigar um hospital. Ou se outro terá que ser construído.*

*Enquanto isso, os alunos de medicina têm aulas práticas em hospitais da rede pública. “Infelizmente não oferecem nem condições de atender à população, quanto mais o ensino de um acadêmico de medicina da Universidade Federal de Rondônia”, destaca o estudante de medicina João Fernandes.*

*“Isso acarreta prejuízos no processo de formação profissional desses estudantes”, alerta Ana Escobar, chefe do Departamento de Medicina da universidade.*

*O hospital da Universidade Federal do Piauí levou 23 anos para ficar pronto. Tem enfermaria e centro cirúrgico montados. Mas ainda não funciona.*

*A equipe do Fantástico entrou em um dos hospitais da rede pública do Piauí que são usados pelos estudantes, que acabam fazendo o trabalho de médicos já formados.*

*“Aconteceu já comigo de eu chegar lá, ver uma paciente em estado grave, tentar levar o médico até o paciente, o médico estar muito ocupado, olhar para mim e dizer: ‘Felipe, você sabe conduzir esse paciente?’. O que é uma coisa inadmissível, uma coisa inaceitável”, alerta o estudante de medicina Felipe Melo.*

*Há quase um ano a Universidade Estadual de Pernambuco inaugurou o campus da cidade de Garanhuns. O quadro de professores ainda não está completo. E falta também um hospital, como conta o estudante Everton Farias, que saiu do interior de Minas para aprender medicina no local: “Nesse terreno*

*deveria funcionar o prédio de saúde, onde haveria todos os laboratórios equipados para o curso médico. O problema primordial é a parte de prática”, afirma.*

*Em uma das mais importantes universidades do país, a Federal do Rio de Janeiro, a história se repete. O hospital universitário federal abriga um dos melhores grupos de professores de medicina do país. A residência médica é uma das dez mais disputadas do Brasil. Apesar da excelência em ensino, a situação também é precária.*

*Esta semana, o "Profissão Repórter" mostrou vídeos feitos por alunos revelando o abandono do hospital. Na sexta-feira passada (29), o Fantástico entrou lá. De cara, enfermeiras disseram que faltam remédios: “A gente pede para o paciente comprar, infelizmente. ‘Se você não comprar, vai morrer’”, alertam.*

*Um paciente que sofreu enfarte diz que ainda não recebeu o tratamento adequado: “O doutor chegava para gente e dizia: ‘ô, a máquina está quebrada, a máquina não está isso, a máquina não está aquilo’. Já há um mês e pouco”, diz.*

*Isso acontece também no hospital da Universidade Federal do Pará. Um aparelho para exames importantes está quebrado e sem previsão de conserto.*

*Repórter: Esse equipamento é de quê?*

*Atendente: Tomografia.*

*Repórter: E a previsão?*

*Atendente: Não tem previsão, não.*

*Já em Campo Grande, uma incubadora permanece encaixotada no corredor. De volta ao Rio, a estudante de medicina da UFRJ mostra vídeos do hospital universitário. “Dia 17 de junho de 2012, e eu estou aqui no nono andar. Alas C e D. Tudo abandonado”.*

*“Tem paciente de cadeira de rodas que não tem condição de subir se não for de elevador, e NÃO tem nenhum funcionando. Só tem rampa do primeiro para o segundo. Do térreo para o primeiro não tem rampa, não tem como subir”, mostra uma atendente.*

*“Os banheiros do hospital, quando têm papel e quando têm sabonete é luxo, a gente fica feliz. O normal é não ter nada”, afirma a Maria Eduarda Bellotii.*

*“Banho quente aqui é de caneco”, avisa um atendente.*

*“Vão 15 alunos ao mesmo tempo examinar o paciente, ele se cansa, ele fica cansado, e por aí vai”, diz Maria Eduarda.*

*No resto do país, essa proporção não muda muito. “O paciente já passou por dez alunos e vai repetir novamente o mesmo processo, que vai, por exemplo, apalpar o abdômen dele, que está extremamente dolorido, e mesmo assim*

*“você vai lá e tem que apalpar e você fica na dúvida: ou você aprende, ou você maltrata o paciente?”*, alerta o estudante Ary Oliveira Lima.

*“Nós temos uma norma que estabelece que, para cada aluno, é preciso ter cinco leitos disponíveis. E na verdade, pelas estimativas que a gente tem, nós temos cinco alunos para cada leito”.*

*É tanto abandono que parece que o Brasil não tem hospitais universitários de qualidade. Mas tem, sim. E pelo menos um deles é centro de referência em pesquisas de ponta.*

*O Hospital de Clínicas de Porto Alegre, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem dezenas de laboratórios funcionando um do lado do outro. Lá, pesquisadores investigam doenças genéticas raras e também distúrbios mais simples como a insônia.*

*Um dos mais avançados equipamentos para o tratamento do câncer do país permite combater com precisão as células de um tumor, reduzindo os efeitos colaterais para o paciente, um procedimento que o SUS não paga e que, no local, é oferecido de graça para a população.*

*“O hospital é claramente montado para atender às nossas necessidades”, afirma o estudante Fabrício Mattei.*

*Até os prontuários são eletrônicos. Nos terminais pelos corredores, médicos e enfermeiras podem acessar dos sinais vitais à prescrição de medicamentos.*

*“Nós temos os laboratórios também online, as salas de aula estão bem preparadas para isso, temos multimídia”, destaca Sérgio Pinto Ribeiro, professor da Faculdade de Medicina da UFRGS.*

*O hospital paga salários e bolsas de estudo com recursos do Ministério da Educação. O dinheiro do SUS vai todo para o atendimento. Os outros hospitais universitários não funcionam assim. A instituição gaúcha ainda tem convênios privados, projetos e parcerias que garantem R\$ 60 milhões, dinheiro que ajuda a área de pesquisa.*

*Mesmo assim, existem problemas: macas pelos corredores, pacientes em cadeiras em uma emergência superlotada.*

*“O espaço não é o melhor, mas as condições de atendimento são as melhores que nós podemos oferecer”, garante Maria Henriqueta Cruz, professora da Escola de Enfermagem da UFRGS.*

*Hoje no Brasil, o investimento público em saúde equivale a 3,77% do PIB, a soma de tudo o que é produzido no país.*

*Segundo a especialista Juliana Fiuza Cislighi, é preciso investir quase o dobro disso, o equivalente a 6% do PIB. “A gente precisaria de mais R\$ 83 bilhões para alcançar esse percentual de 6% do PIB público, que seria o mínimo que é*

*aplicado em países que têm sistemas de saúde parecidos com o nosso, sistemas universais e públicos”, afirma.*

*Os 46 hospitais universitários federais receberam nos últimos três anos quase R\$ 900 milhões. E esta semana, o Governo Federal anunciou um investimento de R\$ 994 milhões até 2014 no setor de saúde como um todo.*

*Segundo o governo, a gestão dos hospitais universitários está mudando, graças a uma empresa criada para modernizar o sistema. “A meta da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares é que todos os hospitais do sistema funcionem como o Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Nós estamos em um processo de recuperação de todos os outros. A Universidade Federal do Piauí foi a primeira a fazer a adesão à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. Tanto assim que nós já estamos trabalhando com a equipe desse hospital, de maneira que nós possamos inaugurá-lo no segundo semestre deste ano”, garante José Ruben Rebelatto, presidente da empresa.*

*Em nota, a Universidade Federal do Rio de Janeiro afirma que o prédio do hospital foi construído há mais de 50 anos. E que desde janeiro passa por obras em quase todos os andares. A nota diz ainda que em cinco anos um novo prédio será construído.*

*Também em nota, a Secretaria de Saúde de Rondônia afirma que a abertura de mil vagas deverá desafogar os hospitais hoje usados pelos estudantes da universidade federal. A nota diz também que a construção de um hospital universitário vai diminuir a demanda na rede pública do estado.*

*O diretor do hospital de Campo Grande diz que a instituição está sendo recuperada: “O hospital ficou parado há mais de 20 anos, descendo a rampa, sucateado, com falta de pessoal. Nos últimos três anos nós, já reformamos mais de 30% do hospital”.*

*Em Belém, a direção do hospital nega que o tomógrafo mostrado pelo Fantástico esteja quebrado. A nota afirma que a instituição está passando por reforma geral e que novos equipamentos foram adquiridos, inclusive um tomógrafo.*

*Na Universidade de Garanhuns, o diretor Pedro Falcão afirma que nenhum hospital será construído. “Nós não teremos aqui um hospital da universidade. Nós vamos usar como campo de estágios para os estudantes a rede pública de saúde”.*

*Segundo ele, o terreno mostrado nesta reportagem ganhará um prédio para laboratórios de medicina, psicologia e enfermagem.*

*Para Felipe Melo aluno da Federal do Piauí, estudar e praticar em um hospital universitário, um HU, é um sonho que não se realizou, mas ele não desiste: “Eu estou me formando agora, nunca estudei no HU e agora eu estou mudando meu sonho. Meu sonho é de um dia trabalhar no HU”, diz.”*

Portanto, a audiência pública é de fundamental importância para discussão com o Ministério da Saúde, que define as diretrizes da saúde pública brasileira, o Ministério da Educação, para entender o processo de formação e residência médica, com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) para entender a situação dos hospitais universitários brasileiros e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) para discutirmos a questão da formação de nossos alunos de medicina nas universidades públicas e privadas brasileiras.

Sala das Comissões, em        de julho de 2012.

**Deputado Nilson Leitão**